

# Memórias de trabalho: os trabalhadores e a cena política

Edison Luiz Saturnino\*

## Introdução

**As discussões empreendidas neste artigo emergiram** no contexto de uma investigação que, em seus aspectos mais amplos, buscou problematizar as relações entre imagem e memória. Ao todo foram entrevistados dezenove sujeitos que narraram diferentes experiências que fazem parte de suas histórias de vida, entre elas as lembranças relacionadas ao mundo do trabalho, movimentos sociais e pertencimentos profissionais. A produção de reminiscências foi mediada pela obra *Il Quarto Stato*, de Pellizza da Volpedo, pintura de conteúdo eminentemente social que serviu de evocador para facilitar o fluxo de memórias produzidas pelos participantes da pesquisa

Um olhar sobre o extenso *corpus* documental produzido a partir de 45 entrevistas, somado ao amplo referencial teórico-metodológico utilizado, evidenciou que a análise das narrativas produzidas pelos entrevistados reclamava uma pertinente discussão sobre as condições de produção dos depoimentos orais. Levando em conta tal perspectiva, na primeira parte do artigo direciona-se um conjunto de problematizações à elaboração dos documentos orais, considerando a complexa relação constituída através da interação entre as subjetividades do entrevistador e do entrevistado e a vigilância que o historiador tem que dispor no momento de análise de tais documentos. Na sequência, são apresentadas e discutidas as narrativas de memória produzidas pelos participantes da investigação

---

\* Professor da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: edison.saturnino@ufrgs.br.

acerca de suas vivências relacionadas ao mundo do trabalho, cujas lembranças se mostraram fortemente associadas a experiências no âmbito da política e das relações familiares, o que demonstra o caráter heterogêneo das memórias que se produzem tendo a obra *Il Quarto Stato* como objeto evocador.

## A entrevista como espaço de intersubjetividades, palavras e silêncios

A discussão sobre as condições de produção dos depoimentos orais implica, entre outras questões, uma vigilância metodológica redobrada sobre a relação construída pelos sujeitos envolvidos na entrevista, pois é a partir dela que as narrativas vão ser elaboradas e os documentos orais construídos. Isso pressupõe considerar que a entrevista é um evento configurado por relações, onde pesquisador e pesquisado produzem a si no mesmo movimento que definem o lugar do outro. Exemplo disto foram as entrevistas realizadas com Henrique,<sup>1</sup> narrador que ocupou um cargo na Secretaria de Educação do município onde no período da pesquisa eu exercia a função de professor e vice-diretor de escola. Nossa implicação, mútua, longe de desqualificar o seu depoimento no contexto da investigação, contribuiu para pensar a complexa relação constituída através das interações intersubjetivas. De certa forma, ao mesmo tempo em que eu procurava constituir um lugar de entrevistado para Henrique, possibilitando-lhe um espaço onde ele pudesse assumir o papel do narrador, sentindo-se à vontade para lembrar e contar suas histórias, ele também tentava instituir o meu lugar de pesquisador. Várias vezes usou expressões do tipo “vou dizer para ti na tua condição de pesquisador e não de professor da rede”, ou mesmo “isto eu falo para o pesquisador e não para o vice-diretor de uma escola da rede” (Henrique, 2004). Fiquei com a impressão de que o lugar de cada um, pesquisador e pesquisado, se constitui a partir da relação com o outro, numa articulação onde um depende do outro para constituir-se enquanto tal. É a partir do campo de ação do pesquisador, de sua espessura e de sua densidade, que o entrevistado vai se constituir enquanto sujeito pesquisado, autorizando-se a falar sobre si e sobre suas experiências consigo e com o mundo. O oposto também precisa ser considerado, ou seja, o sujeito pesquisador somente vai se constituir enquanto tal a partir da disposição e do modo de atuar daquele que se percebe e assume o lugar de pesquisado. Pensar o

---

<sup>1</sup> Por conta dos procedimentos éticos da pesquisa, os entrevistados serão identificados por pseudônimos, conforme acordado no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

lugar do pesquisador implica, necessariamente, considerar o lugar do pesquisado, e vice-versa.

A intensidade dessa relação se estabelece, de um lado, a partir de elementos que compõem a entrevista, como a parafernália técnica utilizada, o local do evento, a preparação dos sujeitos para a atividade, o fluxo narrativo que se instala a partir das perguntas e das respostas, para citar alguns exemplos. Mas também a partir de elementos que estão em seu entorno, como os lugares de sujeito ocupados anteriormente por aqueles que se disponibilizam a pesquisar e a serem pesquisados, elementos estes que, de certa forma, lhes são anteriores, mesmo que assumam outros sentidos e novas significações a partir do momento em que a situação de pesquisa é estabelecida. Este é um exemplo bastante significativo para pensar a radicalidade da condição presente da memória, pois se é no presente que ela é produzida, então uma análise consistente das narrativas necessita considerar a formulação de três perguntas: quem fala? de que lugar fala? para quem fala? É importante levar em consideração que nossas experiências, nossos saberes, os respectivos poderes que constituem e a aceitação social de nossas memórias no presente tendem a configurar a maneira como as narrativas são elaboradas. Tais problematizações conduzem a pensar que os pesquisadores necessitam cuidado para não se deixarem levar por certa ingenuidade, a ponto de considerarem que a entrevista de História Oral é um evento em que uma pessoa vai simplesmente ouvir o que a outra pessoa simplesmente vai falar. “Embora o ‘contador’ da história seja o narrador, a estória é distorcida quando nós não levamos em consideração a participação do historiador na entrevista de história oral”, afirma Antoinette Errante (2000, p. 143), chamando a atenção para o fato de que a relação que se instala entre pesquisador e pesquisado afeta fortemente, senão constitui, a narrativa elaborada pelos sujeitos envolvidos na entrevista.

O processo de interação entre o pesquisador e o pesquisado faz com que a entrevista se configure como um espaço caracterizado pela complexidade e atravessado por disputas de poder que conduzem a constantes ajustes e negociações entre as partes. Em muitos momentos precisei mudar a forma da interlocução, ora esforçando-me em demonstrar saberes sobre determinado assunto, ora recolhendo meus conhecimentos e transformando-me em um compenetrado aprendiz das “lições” que eram ensinadas. Também não foram raras as vezes que negociações muito sutis precisaram ser realizadas, como condição para que os entrevistados se autorizassem a falar sobre suas experiências de maneira mais consentida e, desta forma, manter o equilíbrio da entrevista. De acordo com Sara Alonso, “o conceito pesquisador-pesquisado não deve ser entendido como uma espécie de unidade, mas como instrumental operativo destinado a analisar, na sua complexidade, a experiência de campo ou processo interativo entre pesquisador-pesquisado”

(2001, p. 123). No processo da entrevista pode ser estabelecido um tipo de relação entre o pesquisador e o pesquisado onde o primeiro, por representar aquele que está investido do saber ou da vontade de obtê-lo e goza de um *status* de quem, através deste saber, pode instituir “algumas verdades”, passe a estabelecer uma relação de opressão sobre o segundo, a ponto deste último assumir uma posição defensiva na entrevista, ora construindo uma narrativa preocupada somente com o que ele pensa que o pesquisador quer saber, ora construindo uma narrativa que tente desarticular as opiniões que ele pensa que o pesquisador tem a respeito dele e da experiência que está sendo narrada. Ou como nos esclarece Robert Frank,

O diálogo entre o historiador e a testemunha é complexo. Ele se situa numa contradição permanente entre a cumplicidade e a tensão. Há, às vezes, conflito silencioso entre o portador do vivido, que pensa ter direitos em nome desse vivido, e o historiador que, tornando o fato inteligível, vai intelectualizá-lo: ‘Mas senhor, o senhor não estava lá, o senhor é muito jovem para ter conhecido aquilo’. (Frank, 1999, p. 116).

Numa das entrevistas que realizei com Dona Custódia (2003),<sup>2</sup> na tentativa de evitar uma possível relação de opressão, busquei ressaltar e valorizar os seus saberes antes dos meus. Porém, aos poucos fui percebendo que minhas atitudes estavam sendo confundidas com desinteresse e desconhecimento de causa, fator que passou a incomodar-lhe no decorrer do trabalho. Não raro ela repetia: “tu não sabes disso?”, “tu és historiador e não te lembra disso?”, “todo mundo sabe disso, tu não lembras?” ou “tu tem que saber a guerra que houve lá na Bahia!”. Compreendi que precisava mudar o enfoque da minha interlocução para poder estabelecer um estado de equilíbrio na entrevista. Como alerta Antoinette Errante (2000, p. 152), o pesquisador deve possibilitar que se instale entre ele e seu pesquisado alguma coisa parecida com a “ponte interpessoal”, relação de respeito mútuo e confiança mediada pela ética, onde sejam observados os limites da aceitabilidade, suportabilidade e possibilidades do falar e do não-falar. De certo modo, trata-se de propor um trabalho que permita realizar uma escuta sensível e paciente, uma escuta que consiga apreciar o lugar de cada um no campo das relações sociais para melhor escutar a palavra (Barbier, 1993).

A relação com o entrevistado está inscrita na complexa trama da condição humana, onde se instala uma relação de mente, corpo, voz e olhar. Mesmo com a certeza de que qualquer registro, por mais completo que se proponha a ser,

<sup>2</sup> Em respeito à condição etária de um grupo de entrevistados, tomei a liberdade de diferenciá-los dos demais narradores, antepondo as palavras “Senhor” e “Dona” a seus pseudônimos, de maneira que passaram a ser identificados como Dona Custódia, Dona Alicia, Senhor Amarante e Senhor Rodolfo.

nunca consegue dar conta da inteireza do evento a ser registrado, ainda assim é preciso problematizar a forma de transcrever e valorizar os sentimentos e emoções que tomam conta dos sujeitos da entrevista e qual o tratamento metodológico a eles reservado no momento da análise dos depoimentos. Dessa maneira, cabe também indagar sobre os modos de elaboração do registro escrito de uma oralidade potencializada por gestos, olhares, humores, emoções e sentimentos. Parece que outro problema está dado: a dificuldade de enquadrar na sintaxe do escrito, características que são da ordem do oral. Longas pausas, ritmos acelerados, alterações na modulação da voz não podem passar despercebidos pelo olhar e pela escuta do pesquisador, nem tampouco são problematizações resolvidas com simples reticências estrategicamente colocadas na transcrição das entrevistas ou com as aspas destacando uma palavra, um termo ou a citação de um fragmento da fala do entrevistado no texto do pesquisador.

Em algumas entrevistas tive a impressão de que eu mesmo não conseguiria lidar com a carga emotiva e com os sentimentos materializados nas narrativas. Saudades construídas sobre longos relacionamentos com cônjuges já falecidos, aprendizagens da vividez, entristecidas recordações das vivências com filhos e filhas “que hoje não estão mais entre nós”, angústia e pesar provocados pela distância física de familiares queridos são exemplos de lembranças que afetam as sensibilidades do pesquisador. Entre os velhos, a proclamada “proximidade” com a morte atuou na produção de memórias comoventes, de apego à vida, ora carregadas de nostalgia pela impossibilidade de reviver o que já é passado, ora tomadas por um sentimento de tristeza devido ao pouco tempo que resta, segundo eles, para viver o que ainda está por vir. Estes narradores, na maioria das vezes, manifestaram vontade de continuar militando pelas causas sociais e utopias que num outro tempo *Il Quarto Stato* lhes inspirou, tarefa difícil de ser concretizada devido à idade avançada e à saúde “que já não é mais de ferro”, como comentou Dona Custódia. “É hora de deixar para os mais novos lutarem um pouco pelos direitos dos trabalhadores, eu já estou bastante velha” (Dona Alícia, 2004).

Ainda sobre a entrevista de História Oral, apresento a seguir algumas situações experienciadas no decurso da pesquisa que permitem demonstrar a importância de mais de um encontro com cada entrevistado. A primeira delas é o caso de uma participante que na primeira entrevista construiu uma narrativa bastante vigiada e contida, o que ao final me fez deixar o ambiente pensando em como eu deveria conduzir a próxima entrevista para que a narradora deixasse fluir suas memórias com mais liberdade e espontaneidade. Quais as negociações necessárias para Helena falar sobre si? Diversas audições possibilitaram observar mais atentamente as pausas, as hesitações, as alterações na modulação da voz, as acelerações dos ritmos e perceber quais os momentos em que a narrativa se

tornou mais fluida. Atento para estas particularidades tornou-se mais fácil a tarefa de preparar a próxima entrevista, pois ficou evidente que a narrativa se adensou justamente nos momentos em que Helena falava a partir do lugar de professora, particularmente de professora do ensino superior, e também quando, entre as perguntas, eu explicitava algumas descobertas e objetivos da investigação, ocasiões em que a narradora também se autorizou a dar sugestões, procurando colaborar na metodologia da pesquisa. Nos próximos encontros, passei a comportar-me como um de seus alunos. Não para deixar-me capturar pela narrativa da professora que tudo ensina, mas, precisamente, para potencializar meu lugar de pesquisador e, a partir de algumas perguntas específicas, direcionar o trabalho para os objetivos da investigação. A partir desse procedimento, a entrevistada passou a construir uma narrativa mais autorizada a falar sobre si, permitindo-se lembrar de experiências relacionadas à obra *Il Quarto Stato*. Tive a impressão de que o depoimento resultou mais espontâneo, mesmo nos momentos em que se disponibilizou a falar sobre coisas visivelmente desconfortáveis para si, como a perda do pai, ateu convicto até mesmo na hora da morte, ou sobre uma gravidez não programada que lhe obrigou a repensar seus conceitos e projetos de família.

O conjunto dos depoimentos de outro entrevistado também é capaz de demonstrar a dificuldade de construirmos um ambiente de disponibilidade para a narração de memórias já no primeiro contato. Econômico nas palavras, gestos e emoções, Leonardo elaborou uma narrativa que evocou muito pouco de sua infância e juventude e que resultou muito aquém de minhas expectativas, tendo em vista o longo período que morou na Itália, o que me fez supor que sua narrativa estaria revestida de uma riqueza de detalhes, principalmente no que estivesse relacionado à circulação e aos diversos usos de *Il Quarto Stato* na sociedade italiana. Depois que desliguei o gravador, eu e Leonardo estabelecemos uma interessante interlocução. Ele se disse surpreso com o trabalho que eu estava realizando e se interessou em saber como cheguei até à proposta da investigação. Foi justamente nesse momento que a narrativa se tornou mais espontânea, onde o entrevistado passou a relatar certas experiências sem que houvesse pergunta nenhuma. Percebi que naquele momento já começara a se produzir um clima mais fecundo para os próximos encontros.

De fato, na segunda entrevista Leonardo mostrou-se mais à vontade e mais confiante para relatar novas experiências ou mesmo adensar alguns assuntos que anunciara muito superficialmente no primeiro encontro. Voltou a falar da vida na Itália, de suas experiências escolares, de sua trajetória profissional e tocou na questão de um grave acidente que sofrera quando jovem, envolvendo, inclusive, outras pessoas das quais gostava muito. Falou mais demoradamente sobre política, casamento e família. Nesse contexto narrativo, o entrevistado

confessou que jamais pensara em revelar tantas coisas de si para alguém, que ainda não entendia os motivos que o levaram a expor-se tanto no depoimento e a assumir comportamentos que seu caráter introspectivo geralmente não deixava transparecer. O próprio entrevistado afirmou que achou muito interessante o exercício proposto no encontro anterior, pois nunca havia parado para pensar o que a imagem *Il Quarto Stato* poderia fazê-lo lembrar a respeito de sua vida. Mostrou-se, também, muito interessado no trabalho da memória e surpreso em perceber como conservamos certas vivências em nossas lembranças enquanto outras se “perdem” definitivamente.

O terceiro exemplo demonstra outra circunstância a partir da qual o pesquisador pode reorientar a maneira de interagir com os entrevistados. O contato inicial com Dona Alícia fez pensar sobre a urgência de enfrentar, já no primeiro encontro, as contrariedades que emergem no evento da entrevista. Já de início afirmou que não gostaria que a conversa fosse gravada. Respeitei a solicitação e começamos a conversar sobre as lembranças evocadas a partir da imagem *Il Quarto Stato*. Pareceu-me uma narrativa muito aprisionada no sentido de tentar publicizar a identidade de uma mulher sindicalista, militante do Partido Comunista, atuante no movimento operário em plena ditadura militar. Tive a impressão de estar sobrando pouco espaço para o relato das experiências individuais, e quando estas eram evocadas, parece que estavam sendo narradas simplesmente para ratificar um passado identitário relacionado àqueles grupos.

No final da entrevista, Dona Alícia relatou que outros pesquisadores já a tinham procurado para ouvir suas histórias. Comentou que não poderia contar tudo o que sabia, não poderia revelar todas as suas experiências, pois, se assim o fizesse, possibilitaria material para os historiadores publicarem seus trabalhos de forma satisfatória, mas na hora que ela fosse escrever o seu livro, o livro de sua vida, não teria mais nada a contar. Nada mais seria novidade. Logo percebi a importância de, a partir daquele momento, começar a preparar o ambiente para a próxima entrevista. Depois que guardei o material de trabalho, começamos a conversar sobre plantas, alimentação, remédios e espiritualidade. A entrevistada mostrou interesse em saber um pouco mais de mim e de minha trajetória, pois como ela mesma explicou, “fica muito difícil contar a vida da gente para alguém que a gente nem sabe quem é nem o que vai fazer com o que eu disser” (Dona Alícia, 2004). Então voltei a explicar-lhe os objetivos da pesquisa. Falei sobre minhas experiências no campo da Educação, das minhas atividades como professor e sobre as origens de minha família. Tive a impressão de que nossa interlocução tomava outro rumo, um pouco mais aberto, um pouco menos vigiado e que isto teria um desdobramento positivo no encontro seguinte.

Esses procedimentos produziram um efeito positivo, pois quando perguntei

se poderia gravar a segunda entrevista a resposta afirmativa veio acompanhada de uma explicação dos motivos pelos quais Dona Alícia não havia permitido a gravação de nossa primeira conversa. Segundo ela, as pessoas que em algum momento de suas vidas foram perseguidas politicamente pelas suas opções partidárias ou mesmo por sua militância sindical, têm receio destes materiais gravados, sejam fitas de áudio ou vídeo. Também argumentou que os militantes que sofreram a repressão da ditadura militar, muitas vezes não conseguem falar tudo o que têm vontade, pois de alguma forma ainda sentem-se vigiados e com medo. A segunda entrevista aconteceu de forma mais tranqüila, pois Dona Alícia estava mais disponível, construiu uma narrativa mais solta, consentida, e, de certa forma, mais segura para falar de suas experiências individuais. Pediu a seu neto que trouxesse café e buscou uma caixa e um álbum de fotografias, contendo recortes de jornais, documentos e publicações sindicais. Parecia muito feliz em poder materializar fragmentos de sua história de vida.

Nessa perspectiva, torna-se interessante compreender determinadas atitudes do entrevistado, como o silêncio voluntário ou a recusa da gravação, no âmbito do próprio depoimento, a partir da linha narrativa por ele construída. O receio de relatar experiências traumáticas é um exemplo bastante significativo para demonstrar como se produzem os silêncios em uma narrativa, situações em que é importante o pesquisador observar e respeitar as possibilidades do falar e do não-falar dos entrevistados. Trata-se de admitir a existência de certos eventos da vida das pessoas que lhes causam sofrimento lembrar, seja porque essas lembranças não encontram reconhecimento público nos contextos em que são evocadas, seja porque as recordações estão associadas a momentos muito difíceis de suas vidas, seja porque as memórias não as aproximam dos bons e dos corretos de caráter ou ainda porque tais lembranças não conduzem à identidade que o narrador quer construir e legitimar no momento que se disponibiliza a contar suas histórias de vida. É o caso de Osvaldo. Preso político e torturado pelo regime militar, o narrador relatou sua dificuldade em falar sobre estes eventos. “Me traz muita dor lembrar, pois são assuntos que me vêm à memória carregados de imagens e emoção”, argumenta o entrevistado, ao narrar demoradamente suas histórias de militância que resultaram em perseguições políticas. Em um de nossos encontros fui surpreendido com uma declaração do entrevistado afirmando que se sentia muito incomodado com a maneira pela qual eu conduzia as entrevistas. Disse ele:

Em relação ao teu trabalho, isto foi uma coisa que me preocupou na última entrevista. Nós éramos torturados mais ou menos assim: os caras te deixavam não sei quantas horas até à exaustão, dias à exaustão, sem dormir, sem comer, e aí quando tu começava a bobear no meio da madrugada o



cara te jogava um pedaço de papel e mandava tu escrever. Eu estabeleci uma certa semelhança com este teu, porque de uma certa forma aquilo conduzia o teu pensamento. O cara te dizia: diz aí o que tu fez, escreva aí o que tu fez. Bom, aí se tu não tinha feito nada, tu tinha que contar alguma coisa porque se não tu ia levar pau. Então, também o método de mostrar esta foto meio que conduz o pensamento para coisas relacionadas a este campo. (Osvaldo, 2004).

Esse foi um dos momentos de evidente tensão, pois colocou em questionamento não somente a metodologia proposta para a realização das entrevistas, mas também os posicionamentos éticos pelos quais procurei pautar a pesquisa. Falei ao entrevistado sobre o meu empenho em respeitar as possibilidades de falar e não-falar de cada narrador; lembrei o encontro anterior, oportunidade onde já havia afirmado que entenderia perfeitamente o seu silêncio em relação a experiências traumáticas; procurei convencer-lhe que, ao fim e ao cabo, ele seria dono de suas narrativas até o momento da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), ocasião em que ele poderia decidir se autorizava ou não o uso dos depoimentos. Cabe ressaltar que este foi o único entrevistado que interditou grande parte da narrativa, permitindo somente a utilização de pequenos trechos.

Como afirmado anteriormente, a realização de várias entrevistas com o mesmo narrador facilita o reordenamento dos percursos quando a interlocução instalada no primeiro encontro não satisfaz a pesquisadores e/ou pesquisados. Entretanto, a vigilância também deve ser redobrada quando o contato inicial resulta demasiado satisfatório. Trata-se do exemplo de Marisa, que na primeira entrevista produziu uma longa e surpreendente narrativa sobre a maneira como a imagem *Il Quarto Stato* participou de sua vida e da vida de sua família. No contato seguinte, iniciou seu depoimento relatando que não tinha muito mais a falar, já que na primeira entrevista foi bastante exaustiva e que não teria muitos dados a acrescentar. E construiu uma narrativa com poucas novidades, muito parecida com aquela que elaborou no encontro anterior. Aqui se deve considerar que os dados produzidos na primeira entrevista precisam estar articulados com as perguntas através das quais o pesquisador conduzirá a continuidade do trabalho. O cuidado metodológico, nesse sentido, passa pela necessidade de garantir espaços para a novidade, para o aparecimento de novos temas, para a valorização de experiências diversas durante todo o processo de recolhimento dos depoimentos orais, pois só assim será ampliado o potencial dos documentos que estão sendo construídos, considerando-os em suas diferentes dimensões.

## Trabalhar pela militância, militar pelo trabalho

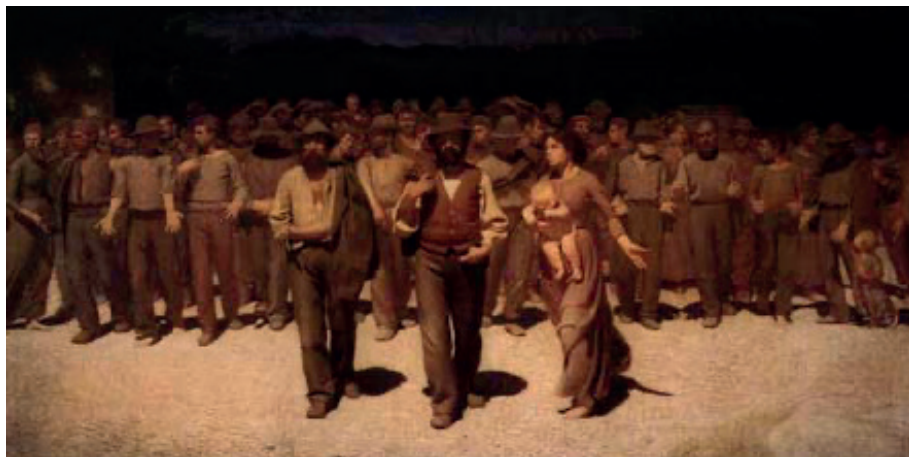


Imagem 1 – *Il Quarto Stato*, 1901, óleo sobre tela, Pellizza da Volpedo  
Fonte: Saturnino (2005, p. 57)

A imagem *Il Quarto Stato* suscitou lembranças de muitas vivências relacionadas ao mundo do trabalho, em meio a tantos outros temas. As memórias que os entrevistados produziram sobre suas experiências de trabalho encontraram-se fortemente associadas às memórias políticas. Em parte isso se deve ao fato de que os movimentos de esquerda, onde a imagem circulou com mais intensidade, colocaram as questões de classe e, portanto o mundo do trabalho, nas principais pautas de suas reivindicações. Nunca é demais ressaltar que todos os participantes da pesquisa realizaram uma leitura de *Il Quarto Stato* onde os sentidos evocados relacionaram-se, em grande parte, à situação dos trabalhadores, sua luta e organização como classe social.

Muitas vezes a descrição das experiências de trabalho foi evocada para destacar a importância da própria atividade política dos entrevistados. Senhor Amarante relatou que a admissão no primeiro emprego aconteceu por intermédio de sua atuação no Partido Comunista. Diz ele:

Foi por acidente, tu entendeu? Eu não tinha nada o que fazer e fui ser jornalista. Então [...] primeiro tinha que me definir por uma profissão. Aí, o primeiro serviço que eu fui trabalhar foi na rádio Itaí. Eu era funcionário do partido e o partido ligou todo mundo à produção, como se dizia na época. Ligar todo mundo à produção é o sujeito ir trabalhar, não ficar

mais às espécies da organização partidária. E tinha um camarada que era simpatizante do partido, Doutor César, já morreu, que era dono da rádio Itaí. Então eu fui trabalhar lá por acidente. Gostei da profissão e depois fui trabalhar no Correio do Povo como revisor. Depois trabalhei na Tribuna Gaúcha, de vez em quando eu escrevia uma coluna. Trabalhei no Jornal do Dia com esse nome que eu disse. E trabalhei na Última Hora, enquanto durou a Última Hora aqui eu trabalhei. E na Zero Hora eu trabalhei até 95, fui secretário de jornal, chefe de redação e nunca escrevi nada assinado. Raramente eu escrevia alguma coisa assinada. (Senhor Amarante, 2004).

Depois que se tornou um jornalista profissional passou a atuar como repórter especializado em jornal escrito, sem nunca abandonar as matérias e as coberturas vinculadas ao sindicalismo. Lembra que os comunistas eram sérios candidatos a permanecerem sem emprego, pois as empresas solicitavam o chamado “atestado de ideologia” para admissão em seu quadro funcional. Mais tarde, mesmo proibida oficialmente, essa solicitação continuou a ser uma prática corrente das empresas, o que dificultava sobremaneira a possibilidade de trabalho para os militantes do Partido Comunista. Conta que, principalmente no meio jornalístico, o empregado freqüentemente perdia o emprego quando era descoberta sua filiação partidária e que ele próprio permaneceu por bastante tempo proibido de assinar o que escrevia.

Eu, por exemplo [...], no jornalismo, eu tive durante muito tempo trabalhando sem poder escrever nada. O que eu escrevia tinha que ser com um pseudônimo. Por exemplo, eu trabalhei num jornal de padre, pra tu ver como era hipócrita o negócio. Eu trabalhei num jornal de padre e fazia uma crônica, sobre rádio. Viram as matérias que eu mandei, gostaram. Mas na hora de me contratar, na hora que o cara que tava fazendo as intermediações deu meu nome, eles disseram: ‘não, esse é comunista e não pode trabalhar aqui’. O cara disse ‘mais o trabalho dele é bom, o senhor gostou?’ ‘Gostei, mais temos que dar um jeito’. Aí estudaram uma forma. Qual era a forma? Eu fazia a coluna com o nome de S. L., e tinha um camarada, que era o que foi o intermediário e que era funcionário do jornal, que recebia o salário que era a mim atribuído. E ele me passava o salário. (Senhor Amarante, 2004).

Jussara escolheu a medicina comunitária como área de atuação profissional. Lembra que assim que concluiu a faculdade direcionou-se para uma especialização em ginecologia, como forma de atender aos apelos do mercado de trabalho. Entretanto, revela que não podia trair a ideologia e os ideais que perseguiu durante toda a sua vida, utopias estas que, segundo ela, *Il Quarto Stato* “conseguiu

expressar e representar tão bem” (Jussara, 2004). Decidiu abandonar a medicina curativa e ingressou definitivamente na área da saúde pública, onde até hoje realiza um trabalho que lhe rende muita satisfação. Sua preferência por este campo da medicina é descrita da seguinte forma:

É mais desafiador tu trabalhar com o coletivo. E hoje eu digo pra todo mundo: é muito fácil atender um único doente, difícil é atender a sociedade, a coletividade, fazer saúde pública e fazer saúde coletiva. Isso é muito difícil. Isso depende de questões políticas, técnicas, depende de lidar com as peculiaridades de cada sociedade, de respeitar isso. Mas é a área com a qual eu mais me identifico. (Jussara, 2004).

Já Osvaldo recorre a suas atuações profissionais para relatar as perseguições a que foi submetido pelo regime militar e a conseqüente perda dos empregos. Lembra que em meados da década de 1960 conseguiu trabalho em um banco privado de Porto Alegre, onde, segundo ele, realizava um bom trabalho. “Eu tentava não ser alienado, e no meu trabalho no banco eu atuava em apoio aos meus colegas, em muitas questões sindicais”, comenta. Conta, também, que com a primeira prisão política em 1970 foi demitido do banco, começando um período de grandes dificuldades para conseguir se manter em empregos. Segundo ele,

Quando entrei na faculdade comecei a melhorar, surgiu um concurso no A. e eu faço o concurso e tiro o primeiro lugar neste concurso interno, não era ainda a nível nacional e entro no A. Estou trabalhando um tempo lá, e o diretor me chama dizendo que meu nome tinha sido vetado, que eu estava numa invasão não sei aonde, do movimento estudantil, onde os caras invadiram o DCE da UFRGS. Na verdade não era nada, tudo era armação para me tirar fora. A mesma coisa em 1977, quando eu estava trabalhando aqui mesmo na L. Procuraram o presidente e disseram que eu não poderia continuar trabalhando. E me colocaram numa lista, disseram que o Silvío Frota, quando tentou dar um golpe, ele enfiou não sei quantos subversivos e comunistas infiltrados em órgãos públicos. E eu trabalhava num órgão público, e de todo aquele pessoal ali eu era o único que aparecia como suspeito de ter idéias revolucionárias, e eu apareço como tendo impresso um jornal e alguns panfletos, uma piada! E aí eu fui posto para a rua também. Trabalhei numa universidade, fui perseguido também. Trabalhei em duas universidades privadas onde numa delas as minhas aulas chegavam a ser gravadas. Fui demitido também. (Osvaldo, 2004).

Os depoimentos acima sugerem que os entrevistados operam uma fusão entre sua ocupação profissional e as atividades políticas. Recorrem a escolhas e experiências no campo do trabalho para respaldar uma identidade militante vinculada aos movimentos de esquerda. Rafael, que evocou diversas vezes sua filiação ao Partido dos Trabalhadores (PT), ressalta que atualmente trabalha com comunidades que vivem e se sustentam com a renda proveniente da comercialização de materiais reciclados. “Esta é uma atividade muito gratificante para mim, pois nela posso exercer minha ideologia política, estou do lado daquelas pessoas que sempre defendi”, comenta o entrevistado, ao afirmar que se considera um “verdadeiro socialista”, tanto por suas idéias quanto por suas ações (Rafael, 2004).

Alguns entrevistados evocaram as questões do trabalho relacionando-as aos efeitos nocivos da exploração do sistema capitalista. Rafael identifica o perfil dos trabalhadores com quem trabalha nas comunidades de reciclagem da seguinte forma:

[...] essas pessoas não são analfabetas não, são pessoas que tem primeiro grau, são pessoas que tem segundo grau, e são pessoas que eram grandes mecânicos, grandes eletricitas, grandes pintores, grandes marceneiros, pessoal de escritório, que estão fora do mercado por várias questões. Primeiro, faltou a qualificação, os carros mudaram, a parte elétrica mudou, a parte mecânica dos carros mudou, a técnica de pintura mudou e as pessoas não se qualificaram com o tempo, não perceberam as coisas que estavam acontecendo. E as pessoas acabaram saindo do mercado. (Rafael, 2004).

Logo em seguida afirma que a proximidade com esses sujeitos lhe faz lembrar as dificuldades enfrentadas pelo seu pai, garçom analfabeto que foi excluído do mercado de trabalho quando o sistema de comandas passou a predominar no atendimento em restaurantes:

[...] meu pai era garçom, meu pai era um excelente garçom, mas aí começou a se criar a chamada comanda, que é uma característica atual dos restaurantes. Meu pai sempre trabalhou em restaurantes finos, classe A, e necessitava escrever, e meu pai não preencheu esta questão de saber escrever. Ele não sabia nem ler, nem escrever, se tu falasse com ele, ele sabia tudo, era um autodidata total, mas não sabia escrever. E no momento que ele não sabe escrever, ele sai do mercado. E aí nós perdemos tudo, o pai começou a vender as coisas que nós tínhamos dentro de casa, começou a vender tudo. E aí eu comecei a viver o outro lado da história, o lado da dificuldade, o lado da fome. (Rafael, 2004).

De certa forma, o entrevistado aproveita suas vivências atuais para falar da exploração do sistema capitalista que, por caminhos diferenciados, exclui os trabalhadores com quem interage no presente, como um dia excluiu o pai do mercado de trabalho, lançando sua família numa crise sem precedentes. Em várias passagens dos depoimentos ele afirma olhar para *Il Quarto Stato*, imagem que mantém em uma bela moldura na sala de sua casa, reconhecendo a figura e a luta de seu pai naqueles trabalhadores retratados por Pellizza da Volpedo. “Ali eu vejo a luta do meu pai, ali eu reconheço a minha mãe e todas as dificuldades que a minha família passou”, declarou o entrevistado.

Afirmando diversas vezes que identifica na obra de Pellizza da Volpedo a ação de pessoas simples, pessoas que não tiveram muitas condições para uma vida melhor, pessoas que vivem profundamente os efeitos de um sistema econômico que, segundo ele, é injusto e atua na lógica do descarte e da exclusão daqueles que não lhe servem mais, o entrevistado passou a relembrar as condições em que foi demitido de uma empresa onde trabalhou durante muitos anos, atribuindo seu afastamento às regras excludentes que dominam as relações capitalistas. Salário elevado pelo longo tempo de serviço e falta de conhecimentos das tecnologias digitais são alguns dos motivos que apresentou para sua demissão da empresa:

Trabalhei com uma firma de Caxias, vinte e cinco anos. Ali eu fui tudo, carregador de ônibus, carregador de malas, fui fiscal de ônibus, fui inspetor de tráfego, e fui gerente da agência de Porto Alegre. E trabalhei no setor de cargas nesta empresa, e ela fechou, ela vendeu para outra empresa. E daí eu já fui atingido pelo preconceito também, porque eu já estava chegando quase aos cinquenta anos, eu não tinha o conhecimento do e-mail, não usava o e-mail, não usava o computador e não tinha o conhecimento da informática. Porque na empresa que eu estava trabalhando, no meu serviço, não era necessário a informática, pois a minha parte era operações, mas foi uma das formas de eliminar uma pessoa, no meu caso eu já tinha curso superior, eu já tinha conhecimento, tinha tudo, só não tinha a informática, que vem também a ser outro dos requisitos que hoje se coloca, tem que se ter conhecimento de informática. (Rafael, 2004).

O trabalho intelectual foi aquele lembrado com mais disposição pelos entrevistados, principalmente entre os que, em alguma época da vida, exerceram funções docentes. Percebe-se nos depoimentos um teor político bastante acentuado pois, ao contar sobre as rotinas e condições de trabalho, os narradores também estavam a falar sobre seus posicionamentos políticos. Helena conta que trabalhou como professora no Sindicato dos Bancários do Estado de São Paulo,

experiência que considera extremamente interessante, pois além de exercer a função de professora, conseguia estar perto das grandes discussões políticas da esquerda do país. “Olha só o antro político onde eu dava aula, até o diretor da escola do Sindicato era do Partido Comunista. O PT recém tinha entrado na direção do Sindicato”, comenta a entrevistada, ao mesmo tempo em que relembra que seu ingresso neste emprego aconteceu a partir da indicação de militantes anarquistas que conheceu naquele estado (Helena, 2004).

Após realizar concurso para o magistério público estadual, Henrique optou por se desligar de uma conhecida escola particular de Porto Alegre onde lecionou a disciplina de História por alguns anos, justamente porque havia decidido passar a trabalhar somente com classes populares. “Eu vou trabalhar com aqueles que eu entendo que precisam mais”, relatou ele, como se apresentasse uma justificativa para tal decisão. Conta que sua atuação neste colégio privado foi marcada, num primeiro momento, por sérios conflitos entre suas posições e as de alguns alunos que entendiam que podiam tudo dentro da sala de aula, simplesmente porque “os pais estavam pagando”. E tenta descrever as causas destes conflitos:

O S. é um colégio que acolhe filhos de classe média alta, classe alta, filhos de donos de banco, filhos de empresários, gente que tem um outro poder aquisitivo. E é muito interessante perceber como que a cultura dessa classe social, deste segmento da sociedade, ela se reproduz numa perspectiva de arrogância, até mesmo de uma sensação, para eles, de superioridade, de se acharem melhor do que os outros e por se acharem melhor terem direitos acima dos demais. (Henrique, 2004).

Afirma que, de sua parte, se propôs a fazer um trabalho de humanização das crianças e jovens dessa escola, no sentido de “dirimir ou dissipar um pouco estes valores, o que era muito difícil”. Henrique ressaltou que a sala de aula, para ele, sempre foi um espaço onde mostrou para os alunos que as pessoas realizam as suas escolhas em um campo aberto de possibilidades, e que “os cidadãos podem assumir um comportamento que seja *sui generis*, à vontade de cada um e as pessoas não têm o direito de julgar, principalmente se este comportamento não agride o outro, não invade a liberdade e o direito de ser do outro” (Henrique, 2004). Diz que sempre fez das suas aulas um espaço de discussão e construção de valores políticos e sociais, onde procurava ele próprio vivenciar estes valores, até mesmo “para mostrar que se deve respeitar o jeito de ser diferente de cada um” (Henrique, 2004).

De sua parte, Osvaldo lembra que o teor político de seu trabalho na universidade pode ser aferido pelo apelido com que passou a ser conhecido:

“professor vermelho”. Conta que ao trabalhar na disciplina de planejamento econômico, costumava utilizar o exemplo das reformas que o governo do presidente Fernando Collor de Mello (1990-1992) implantou no Brasil para mostrar o que não deveria ser feito em termos de planejamento, justamente porque as mudanças pretendidas não estavam embasadas numa discussão realizada com todos os setores da sociedade. Argumenta que suas dificuldades estavam em dizer “as coisas certas na hora imprópria”, pois naquele momento “a população já estava iludida e isso já foi o suficiente para quererem me tirar do emprego” (Oswaldo, 2004).

Rafael explica que a sua decisão de cursar a faculdade de História e tornar-se professor aconteceu a partir do desejo que tinha de ajudar as pessoas com dificuldades. “Eu gostaria de ajudá-las a entender que nós é que fazemos a nossa história, nós é que somos responsáveis”, palavras do entrevistado. E continua a relatar os princípios que orientam o seu trabalho docente:

Eu fiz História e me tornei professor na questão de fazer o meu papel na história, de ser agente da história, dar a minha contribuição, dar a minha participação, ser útil à sociedade, ser útil às pessoas, procurar transmitir o conhecimento que eu tive com grandes professores. Fazer a minha parte de contribuição dentro da sociedade. (Rafael, 2004).

Estes excertos dos depoimentos de Henrique, Oswaldo e Rafael demonstram que as memórias do mundo do trabalho produziram-se de maneira a marcar certos posicionamentos políticos e legitimar a identidade de sujeitos envolvidos com as causas da esquerda. Seja atuando na escolha da profissão ou mesmo interferindo na maneira como essa profissão é vivenciada no cotidiano, as posições políticas, a todo o momento, foram anunciadas por aqueles que elaboraram suas memórias tendo *Il Quarto Stato* como evocador. Por certo que um dos motivos que merece ser considerado é o fato de que as mobilizações políticas dos entrevistados durante as décadas de 1970 e 1980, época em que interagiram de maneira mais expressiva com as diversas reproduções da obra, estavam, de certa maneira, voltadas para as questões de classe e trabalho. Foi em função desses temas que a militância de esquerda fez um considerável uso político da imagem, pois como um dos entrevistados relata, “não tínhamos ainda uma discussão muito forte sobre o movimento feminista ou o movimento ecológico, e mesmo que já se falasse nestas temáticas, não eram elas que encabeçavam as pautas de discussões políticas da nossa militância naquele momento” (Oswaldo, 2004).

“Este era um quadro de aquisição indispensável para pessoas de esquerda com visão marxista”, afirmou Oswaldo, chamando a atenção que a exacerbação



da luta de classes, de certa forma relacionada às questões do trabalho, encaminhava muitas das mobilizações políticas dos militantes daquele período histórico, no Brasil fortemente marcado pela eclosão de greves, manifestações e lutas sindicais. Neste sentido, evocar memórias do trabalho a partir de *Il Quarto Stato* também pode ser considerado uma maneira de os narradores anunciarem a manutenção de suas convicções e posicionamentos em favor dos trabalhadores, numa sociedade onde os conflitos de classe assumem novas facetas e investem-se de outras problemáticas na atualidade. Mais ainda, é uma forma de demonstrar que os lugares que ocupam atualmente, sejam os de professores, médicos, psicólogos, artesãos, economistas, editores, aposentados, políticos, terapeutas, por exemplo, não os impossibilitam de continuar militando pelas causas que, em um passado não muito distante, pautaram seus projetos de vida e de sociedade.

Por fim, é importante dizer que os entrevistados reservaram um lugar de destaque em suas narrativas àquelas atividades profissionais realizadas com maior prazer e dedicação. Os empregos que foram assumidos unicamente em função de dificuldades financeiras são evocados de maneira muito superficial nos depoimentos. O cargo burocrático do banco, a tarefa de contínuo, as diversas funções numa empresa de ônibus, são exemplos de trabalho considerados dignos, mas muito pouco descritos pelos entrevistados. Entretanto, quando a atividade é realizada como uma vocação ou resulta de uma escolha pessoal, as referências se multiplicam e o trabalho é narrado de maneira prazerosa e alegre. Nesse contexto, as entrevistas apresentaram narradores entusiasmados com suas escolhas profissionais e são exemplos de que, quanto mais demonstram satisfação por terem exercido determinada profissão, mais se dispõem a falar sobre ela, contando, inclusive, um pouco dos segredos desta atividade ou dando sugestões sobre a melhor maneira de desempenhá-la. Henrique e Rafael falam sobre metodologias de aula de História e Rogério relata que sempre teve um excelente relacionamento com os alunos, primando por uma boa conversa e não deixando passar a oportunidade de discutir certos temas pelos quais eles estivessem interessados. “Gosto de dar aulas, gosto de transmitir coisas, eu adoro fazer isso”, conclui o entrevistado.

Senhor Rodolfo lembra com carinho os inúmeros cursos que ministrou sobre técnicas de locução de rádio, chegando a falar sobre as técnicas mais adequadas de impostação da voz e quais as atitudes básicas para que um sujeito tenha sucesso na carreira de locutor. Também o Senhor Amarante, ao perceber meu interesse pela cultura visual, empresta um tom quase professoral à sua narrativa, quando passa a explicar, pacientemente, o percurso de uma imagem dentro da redação de um jornal.

## Considerações finais

Um longo caminho precisa ser constantemente percorrido por pesquisadores que desejarem aprofundar os estudos sobre a História Oral, seja para utilizá-la como fontes e/ou objetos em suas investigações ou mesmo para discutir a configuração de outros modos de produção do conhecimento histórico. O trajeto é longo e as discussões instaladas em seu percurso são complexas. Questiona-se o próprio estatuto da História Oral, investiga-se seus imbricamentos com a memória e o tempo, bem como se procura destacar as problematizações teórico-metodológicas e as preocupações éticas que dizem respeito à construção, interpretação e uso dos depoimentos. As questões relativas à oralidade e escrita estão na ordem do dia e os temas referentes às subjetividades, identidades, silêncios e esquecimentos, embora um pouco desgastados, dominam boa parte da produção sobre História Oral. Em um panorama mais atualizado, é possível incluir um conjunto de problematizações acerca da relação da História Oral com a História do Tempo Presente, com a História Pública, com os usos políticos do passado, com a História das Sensibilidades.

O presente texto buscou abordar, em sua primeira parte, diversos procedimentos implicados na elaboração dos depoimentos. Uma questão significativa aqui apresentada é que a entrevista de História Oral constitui um território de encontro entre subjetividades, entre intencionalidades: uma que deseja contar uma história e outra que se ocupa em escutá-la e apreendê-la. É nessa perspectiva que o evento da entrevista torna-se o espaço da co-autoria e do hibridismo, onde narradores e pesquisadores produzem e compartilham um espaço narrativo e estabelecem diálogos, na maioria das vezes, interculturais. Segundo Portelli, “a história oral é o esforço de estabelecer um diálogo entre e para além das diferenças” (2010, p. 213). Nunca é demais lembrar que essa autoria compartilhada não se limita ao evento da entrevista, mas avança sobre as etapas da transcrição, da análise dos depoimentos e da redação do texto por parte do historiador. Cabe destacar, entretanto, que o gesto de transcender fronteiras, de articular posições sociais e culturais, precisa estar pautado por uma escuta sensível do outro e por uma escuta atenta às condições de dicibilidade que possibilitam a construção das narrativas. É nesse sentido que o historiador precisa respeitar os limites da palavra e do silêncio. Em minha trajetória, cada vez mais estou convencido de que a entrevista, considerando a relação construída entre pesquisador e pesquisado, precisa ser compreendida como um lugar de conflito, e por isso mesmo, local de acertos e negociações.

A investigação demonstrou o potencial da obra *Il Quarto Stato* para evocar memórias relacionadas ao mundo do trabalho, memórias essas fortemente

associadas a experiências vivenciadas no âmbito da participação política e social. Nessa perspectiva, experiências de trabalho foram evocadas para realçar a importância da atividade política dos entrevistados. Diferentes relatos apontaram como a filiação a um partido de esquerda interferia nas possibilidades de obtenção de emprego e no desempenho das atividades profissionais, como é o caso do jornalista que não podia assinar as matérias que escrevia devido à atuação na militância comunista. Outras narrativas demonstraram a maneira como a escolha profissional esteve ligada às ideologias de esquerda, aos ideais comunitários e às utopias políticas, como é o caso da médica que decidiu abandonar a medicina curativa, abandonar uma escolha feita para atender a apelos mercantis, para ingressar na área da saúde pública, onde passou a realizar um trabalho de cunho acentuadamente social. Em outras situações, a atuação profissional foi tomada como pano de fundo para enfatizar perseguições políticas patrocinadas pela ditadura militar, como é o caso do economista que relatou a perda do emprego em um banco privado e em duas universidades particulares da cidade de Porto alegre, após sua primeira prisão política em 1970. Nesse sentido, os depoimentos sugerem que os entrevistados operaram uma fusão entre sua ocupação profissional e as atividades políticas que exerceram. Recorreram a escolhas e experiências no campo do trabalho para respaldar identidades militantes vinculadas aos movimentos de esquerda.

As experiências de trabalho também foram evocadas para denunciar os efeitos nocivos da exploração do sistema capitalista, como a precarização da vida e o abandono compulsório de atividades profissionais antes exercidas, principalmente por pais e mães, avós e avôs. Nesse contexto narrativo, as memórias de trabalho aproximaram-se fortemente das memórias familiares, principalmente para lembrar as dificuldades financeiras enfrentadas pelos pais no sustento das famílias, as experiências de migrações entre cidades e regiões na busca por melhores condições de existência, os desafios da vida cotidiana, a necessidade do trabalho na infância ou na juventude, os conflitos evidenciados pelas diferentes posições políticas dos membros das famílias, o ressentimento pela falta de atenção à casa e aos filhos devido ao trabalho na militância política, para citar os exemplos mais recorrentes. Cabe destacar, entretanto, que as narrativas também procuraram manifestar, na maioria das vezes, as maneiras como dificuldades foram vencidas, como conflitos foram mediados e como as marcas dos ressentimentos foram sendo atenuadas ao longo da vida. Isso demonstra como a memória, materializada através de narrativas e depoimentos, promove um acerto de contas entre passado e presente, em movimentos contínuos que permitem aos sujeitos produzirem passados com os quais consigam conviver e identidades que desejam ver legitimadas no presente, para si e para os outros.

## Referências

- ALONSO, Sara. Os Temb é e a relação pesquisador-pesquisado. *História Oral*, Rio de Janeiro, n.4, p. 121-140, 2001.
- AMADO, Janaína. A culpa nossa de cada dia: ética e história oral. *Projeto História*, São Paulo, n. 15, p. 145-155, abr. 1997.
- BARBIER, René. A escuta sensível em educação. *Cadernos da ANPED*, Porto Alegre, n. 5, p. 187-216, 1993.
- ERRANTE, Antoinette. Mas afinal, a memória é de quem? Histórias orais e modos de lembrar e contar. *História da Educação*, Pelotas, v. 4, n. 8, p. 141-174, jul./dez. 2000.
- FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. *Usos & abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2001.
- FRANÇOIS, Etienne. A fecundidade da história oral. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. *Usos & abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FVG, 2001. p. 3-13.
- FONTES, Paulo. História oral e história social do trabalho: os imigrantes nordestinos em São Paulo entre os anos 1940-1960. In: GOMES, Angela de Castro (Org.). *História oral e historiografia: questões sensíveis*. São Paulo: Letra e Voz, 2020. p. 81-105.
- FRANK, Robert. Questões para as fontes do presente. In: AGNES, Chauveau (Org.). *Questões para a história do presente*. Bauru: EDUSC, 1999. p. 103-117.
- GOMES, Angela de Castro. História oral, historiadores e questões sensíveis: um giro no parafuso. In: \_\_\_\_\_(Org.). *História oral e historiografia: questões sensíveis*. São Paulo: Letra e Voz, 2020. p. 181-199.
- PINTO, Júlio Pimentel. Todos os passados criados pela memória. In: LEIBING, Anette; BENNINGHOFF-LÜHL, Sibylle. *Devorando o tempo*: Brasil, o país sem memória. São Paulo: Mandarim, 2001. p. 293-300.
- RÉBÉRIOUX, Madeleine. Os lugares da memória operária. In: SÃO PAULO (cidade). Secretaria Municipal de Cultura. Departamento do Patrimônio Histórico. O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania. São Paulo: DPH, 1992. p. 47-56.
- SATURNINO, Edison Luiz. *Imagem, memória e educação: um estudo sobre modos de ver e lembrar*. Dissertação (Mestrado em Educação) – UFRGS, Porto Alegre, RS, 2005.
- THOMSON, Alistair. Recompondo a memória: questões sobre a relação entre a História

Oral e as memórias. *Projeto História*, São Paulo, n. 15, p. 51-84, abr. 1997.

VIDAL, Diana Gonçalves. A fonte oral e a pesquisa em História da Educação: algumas considerações. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, n. 27, p. 7-16, jul. 1998.

VOLDMAN, Danièle. A invenção do depoimento oral. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. *Usos & abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2001. p. 247-265.

## Fontes orais

Dona Alícia [mai. 2004] Entrevistador: Edison Luiz Saturnino. Porto Alegre, RS, 19 mai. 2004.

Senhor Amarante [abr./mai. 2004] Entrevistador: Edison Luiz Saturnino. Porto Alegre, RS, 14 abr. 2004, 25 mai. 2004.

Dona Custódia [jun. 2003] Entrevistador: Edison Luiz Saturnino. Porto Alegre, RS, 16 jun. 2003.

Helena [jan./fev. 2004] Entrevistador: Edison Luiz Saturnino. Porto Alegre, RS, 26 jan. 2004, 17 fev. 2004.

Henrique [abr./jul. 2004] Entrevistador: Edison Luiz Saturnino. Porto Alegre, RS, 7 abr. 2004, 30 abr. 2004, 1 jul. 2004.

Jussara [mai./jul. 2004] Entrevistador: Edison Luiz Saturnino. Porto Alegre, RS, 25 mai. 2004, 13 jul. 2004.

Leonardo [abr. 2004] Entrevistador: Edison Luiz Saturnino. Porto Alegre, RS, 27 abr. 2004.

Marisa [mar. 2004] Entrevistador: Edison Luiz Saturnino. Porto Alegre, RS, 7 mar. 2004.

Oswaldo [jul. 2004] Entrevistador: Edison Luiz Saturnino. Porto Alegre, RS, 22 jul. 2004, 26 jul. 2004.

Rafael [jul. 2004] Entrevistador: Edison Luiz Saturnino. Porto Alegre, RS, 4 jul. 2004, 6 jul. 2004.

Senhor Rodolfo [mai./jul. 2004] Entrevistador: Edison Luiz Saturnino. Porto Alegre, RS, 26 mai. 2004, 6 jul. 2004.

Rogério [abr./mai. 2004] Entrevistador: Edison Luiz Saturnino. Porto Alegre, RS, 1 abr. 2004, 30 abr. 2004, 25 mai. 2004.

**Resumo:** O texto aborda um conjunto de experiências relacionadas ao mundo do trabalho evocadas pelas memórias de sujeitos que interagiram com a imagem *Il Quarto Stato*, obra de Pellizza da Volpedo, cujas reproduções tiveram ampla circulação no Brasil entre as décadas de 1970 e 1980. Além disso, problematiza as condições de produção dos depoimentos orais, ao enfatizar a relação construída através da interação entre as subjetividades do pesquisador e do pesquisado ao chamar a atenção para a vigilância que o historiador precisa dispor no momento da análise dos documentos que transforma em dados de pesquisa. As memórias dos entrevistados sobre suas experiências de trabalho encontram-se fortemente associadas às memórias políticas, tendo em vista que os movimentos sociais onde a imagem circulou com mais intensidade colocaram as questões de classe nas suas principais pautas de reivindicações políticas, com foco na situação dos trabalhadores, sua luta e organização como classe social.

**Palavras-chave:** Memórias de trabalho. Depoimentos orais. Entrevistas. Relação pesquisador-pesquisado. Pertencimentos profissionais.

#### **Working memories: workers and political scene**

**Abstract:** The text approaches a set of experiences related to the working world evoked by the memories of subjects that interact with the picture *Il Quarto Stato*, work of Pellizza da Volpedo, whose reproductions had broad circulation in Brazil between the 1970s and 1980s decades. Besides that, it problematizes the conditions of oral statement's production, by emphasizing the relation built through the interaction between the interviewer's and interviewed's subjectivities and by calling the attention to the control that the historian needs to dispose in the moment of the document's analysis that it turns into research data. The memories of the interviewed about their work experiences are strongly found associated to their political memories, seeing that the social movements where the picture circled with more intensity put the class questions in their main political claiming guidelines, focusing on the worker's situation, their fight and organization as a social class.

**Keywords:** Work memories. Oral testimonies. Interviews. Interviewer-interviewed relation. Professional belonging.

Recebido em 24/08/20

Aprovado em 29/10/20